



## ÍNDIOS FAZEM SUA CARTILHA

“Os índios não tem vergonha de falar sua própria língua dele. Eu sou índio Kaxinauá do rio Jordão”. (OSAIR SALES SIAN.)

Texto: Fátima Almeida  
Fotos: Marcus Freitas

Desde o dia 3 de março passado, 21 índios entre Kaxinauá, Apuriná, Jaminawa, Manchineri e Katuquina estão hospedados no Centro de Treinamento da Fundação Cultural onde assistem às aulas do curso de preparação de monitores, nos períodos da manhã e da tarde.

A princípio, esse curso destinava-se ao pessoal do rio Jordão, onde tem início o sistema de administração por cooperativas. Nessa primeira fase, os alunos, que na maioria, vieram à cidade pela primeira vez, recebem informações práticas de matemática (as operações fundamentais) e de redação. Além disso, eles têm aulas de desenho a mão livre e isto tem causado muita vibração entre o pessoal da Coordenadoria de Assuntos Indígenas da Fundação Cultural porque têm surgido trabalhos muito bonitos, feitos pelos índios.

A partir de maio, eles recebem treinamento na área de saúde. No entanto, vários alunos não poderão ficar, devido às necessidades próprias de seu grupo étnico: “chegou a época de botar roçado”.

Um dos professores de matemática, Luis Carneiro, explicou que o curso careceu de um planejamento maior. A seleção não foi criteriosa, vieram alunos com formação “a zero” e outros bastante adiantados, o que resultou numa turma bastante heterogênea além das diferenças de cultura e língua, embora todos falem português.

Os índios que já sabiam ler e escrever, ao que parece, foram alfabetizados pelo CIMI, missões Novas Tribos do Brasil, Comissão Pró-Índio e até mesmo por seringueiros cariús. Segundo aquele professor, a intenção do curso é fazer com que eles não se aprendam mas que saibam também explicar para outros. Ele disse que pelo menos dez índios já se encontram aptos para passar para outros o que aprenderam.

A professora de redação, Nieta Lindenberg, disse que a proposta do curso não é passar o saber ao branco e, sim, dar a esses índios de contato instrumentais para que eles possam circular com um mínimo de autonomia dentro da nossa cultura. Além de que, há uma preocupação de desmistificar a própria cultura do branco.

Os métodos utilizados (em particular o de Paulo Freire), fazem vir à tona todo um conteúdo da cultura indígena, como mitos, fantasias, nada de vida, etc. As redações to das refletem isso. Assim, eles escrevem contando as pescarias, a festa do mariri, de como as mulheres fazem panelas de barro, do processo de extrair tinta da floresta para pintar o corpo, redes e ainda denunciando a exploração nos seringa-

Nestas últimas semanas, os alunos já estão fazendo a sua própria Cartilha. De início, eles trabalharam com a Poronga, do Projeto Seringueiro, agora, eles estão fazendo levantamento das palavras de seu acervo linguístico e providenciando inclusive as ilustrações. O conteúdo retrata bem o seu ambiente: na muito bicho, muita água e muitas árvores.

A coordenadora Nieta Lindenberg disse que estão todos a espera de que as instituições banquem o

projeto. “Estou trabalhando sem ganhar um tostão. É um trabalho feito na marra mesmo como é o estilo do Terri”, disse ela. Por enquanto, só a Fundação Cultural está arcando com as despesas de alimentação. As lideranças indígenas dispõem de uma caixinha, de Cr\$ 200 mil, para despesas com papel, pilot, pastas e caixetas.

Ela disse que eles têm bebido muita coca-cola, mas reclamam do barulho da máquina que “perturba o sono e tira a tranquilidade”.



Redação do índio Júlio Barbosa (Kaxinauá)

«O barracão é diferente da cooperativa. O preço das mercadorias da cooperativa é mais barato do que no barracão do patrão. Na cooperativa os índios não tem a renda das estradas de seringa. No barracão o patrão cobra renda das estradas de seringa (35 quilos por estrada de seringa) No barracão do patrão paga pouco pela borracha do freguês. A cooperativa paga bom preço pela borracha. O barracão rouba na balança. A cooperativa dos índios não rouba na balança. A cooperativa do índio não bota o freguês para fora da colocação. A cooperativa não expulsa o freguês. Na cooperativa o índio tira saldo.»

No barracão é difícil de tirar saldo. Na cooperativa o índio é liberto, no barracão o índio vive no cativeiro.»



Redação do aluno Osair Sales Sian

### A SEMANA DO ÍNDIO DE 83

Nessa semana eu vou falar sobre os direitos dos índios. Índio tem direito de ficar com sua terra demarcada. Ele conhece as riquezas da terra “ele. Tem caça, tem lagoa que nos sempre pescamos para pegar peixe. Tem madeira do lei para serrar, tem nossas estradas de seringa, tem paixiúba que serve para assoalhar a nossa casa. Tem plantação do mato e os remédios que sempre serve para curar doenças dos índios. Tem nossa plantação de banana, mundubim, mandioca. Tem festa do mariri. Índio tem direito de fazer as festas deles, porque o branco faz festa dele. Os índios também tem seu direito de aprender ler e escrever e aprender as quatro operações de conta para não ser enganado pelo patrão branco no peso da borracha e no acerto de contas e nos preços das mercadorias. Por isso que nós estamos aprendendo para ensinar o povo que ficou lá na nossa aldeia. E nós também queremos aprender curso de saúde. Como é que o branco trata, como é que ele aplica injeção, essas coisas também índio tem o direito de aprender. Os índios também direito de fazer reunião dele para trabalhar junto.

Os índios não tem vergonha de falar sua própria língua dele. Eu sou índio Kaxinauá do rio Jordão.»



Redação do índio João Carlos da Silva (Kaxinauá do Jordão)

«A borracha é importante para todos os seringueiros. Quando eu era pequeno meu pai trabalhava com patrão cariú. As mercadorias era muito caro e o meu pai ficava sempre devendo o patrão. Eu fui crescendo e ajudando meu pai e ele continuava devendo o patrão. E o patrão roubava no preço das mercadorias, e roubava no preço das borrachas e roubava na balança. Cobrava a renda das estradas 35 quilos por estrada.»

Quando nós comprava 5 cartuchos ele debitava 7 e roubava quando ia tirar a conta do freguês. Quando o freguês quer tirar saldo, o patrão credita 5 mil no saldo dele. E ele sempre fica devendo. Com isso ninguém pode tirar saldo e nem comprar nada. Quem produziu cem quilos de borracha dá o valor de cinquenta mil e a gente compra cem mil. Não dá para pagar o débito e a gente não tem mais condição de comprar e a gente passa muita necessidade. Tem vezes que a gente come injeção e falta munição, sabão e querosene. E quando chega a mercadoria é muito cara e a borracha barata.

O barracão do patrão é diferente da cooperativa dos índios. Na cooperativa a gente tira saldo a gente não paga renda das estradas de seringa, a cooperativa não rouba na venda das mercadorias. A gente produz pouca borracha mas tira saldo e compra o que a gente quer comprar.»



Redação do aluno Francisco Apuriná

«Quem faz cooperativa é a união, povo unido trabalhando junto, vende o produto junto, consegue vender por melhores preços e também comprar as mercadorias mais baratas.»

Quando se forma uma cooperativa sempre tem uma pessoa que dirige a cooperativa, faz um preço para as mercadorias, presta conta e tudo isso ela faz. Quando se vende um produto tem que ver os preços, o peso, quanto vai dar em dinheiro, de transporte. É uma coisa bem séria.»

(Nota da Redação: os textos estão reproduzidos na sua forma original).

